



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**

LAURA ARAÚJO DRUMOND DE MAGALHÃES

**ARTE TUMULAR:
a simbologia do Cemitério da Igreja do Carmo de Ouro Preto**

Ouro Preto
2022

LAURA ARAÚJO DRUMOND DE MAGALHÃES

**ARTE TUMULAR:
a simbologia do Cemitério da Igreja do Carmo de Ouro Preto**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Museologia do Departamento de Museologia da Escola de Direito, Turismo e Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Célio Macedo Alves

Ouro Preto

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M188a Magalhães, Laura Araújo Drumond de.

Arte tumular [manuscrito]: a simbologia do Cemitério da Igreja do Carmo de Ouro Preto. / Laura Araújo Drumond de Magalhães. - 2022. 69 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Célio Macedo Alves.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Museologia .

1. Cemitérios. 2. Museologia. 3. Celebrações em memória. 4. Ritos e cerimônias comemorativas. 5. Morte - Aspectos simbólicos. I. Alves, Célio Macedo. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 069

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



FOLHA DE APROVAÇÃO

Laura Araújo Drumond de Magalhães

Arte Tumular: a simbologia do Cemitério da Igreja do Carmo de Ouro Preto

Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia

Aprovada em 22 de Junho de 2022

Membros da banca

Professor Doutor Célio Macedo Alves - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Professora Doutora Márcia Maria Arcuri Suner - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Mestre Edson Fialho de Resende - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Célio Macedo Alves, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 28/07/2022



Documento assinado eletronicamente por **Celio Macedo Alves, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/07/2022, às 10:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0369256** e o código CRC **84C56388**.

Dedico este trabalho ao meu avô, Francisco Xavier de Araújo, que junto a mim,
sonhou esta conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe Lúcia, por ter me apoiado na realização deste sonho e por me ensinar a amar arte em todas as suas formas. Mãe esta conquista é nossa, eu amo você!

Agradeço também a minha irmã Luísa, por ter me dado tanto apoio emocional neste percurso. Sou extremamente grata a Ney e Júlia, família do coração que Ouro Preto me deu. Agradeço muito ao Nicolas por ter me dado tanto suporte, ajuda e carinho nesta jornada, obrigada por tudo!

À Universidade Federal de Ouro Preto e ao departamento de Museologia pelo ensino de qualidade. Ao Professor Doutor Célio Macedo Alves, por me orientar neste trabalho, e por ter me apoiado no tema que escolhi.

À Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto, por me permitir estudar seus espaços cemiteriais. Agradeço especialmente a Maria Agripina, que me acompanhou durante minhas pesquisas e por toda a atenção e ajuda.

A todos que tive o prazer de conhecer durante a minha jornada acadêmica em Ouro Preto, a minha gratidão.

RESUMO

O presente trabalho analisa a arte tumular do cemitério da Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto, utilizando o método Panofsky para interpretar os significados intrínsecos dos símbolos e alegorias existentes nestes espaços cimiteriais carmelitas. Para tal, utiliza os conceitos de documento-monumento e lugar de memória para compreender a importância social dos cemitérios, como espaço de construção de memória coletiva, aproximando seus conteúdos dos estudos da Museologia. Pretende ainda, observar o contexto de criação do cemitério, no âmbito da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, entendendo a importância da instituição no momento da morte de seus fiéis, além das transformações relacionadas às práticas funerárias ao longo do tempo. Dessa forma, o cemitério do Carmo de Ouro Preto demonstra grande valor histórico, patrimonial e museológico para a memória carmelita e para a arte tumular mineira.

Palavras-chaves: cemitérios; memória; ritos funerários; simbologia; Museologia.

ABSTRACT

The present work analyzes the tomb art of the Nossa Senhora do Carmo Church cemetery in Ouro Preto, using the Panofsky method to interpret the intrinsic meanings of the symbols and allegories existing in these Carmelite cemetery spaces. To this end, it uses the concepts of document-monument and place of memory to understand the social importance of cemeteries, as a space for the construction of collective memory, bringing its contents closer to Museology studies. It is also intended to observe the context of creation of the cemetery, within the scope of the Third Order of Nossa Senhora do Carmo, understanding the importance of the institution at the time of the death of its faithful members, in addition to the changes related to funeral practices over time. In this way, the Carmo cemetery in Ouro Preto demonstrates great historical, patrimonial and museological value for the Carmelite memory and for the tomb art of Minas Gerais.

Key-words: cemeteries; memory; funeral rites; symbology; Museology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Igreja do Carmo de Ouro Preto.....	22
Figura 2: Interior da Igreja do Carmo de Ouro Preto.....	23
Figura 3: Imagem de Nossa Senhora do Carmo e de Santa Quitéria no Altar-mor.....	23
Figuras 4 e 5: Campas localizadas no interior da Igreja do Carmo.....	25
Figura 6: Manhã de Quarta-feira Santa na Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, situada à Rua da Alfândega/RJ.....	26
Figura 7: Enterro de um membro da irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Janeiro.....	27
Figura 8: Palanquim pertencente a Ordem Terceira do Carmo.....	27
Figura 9: Modelo comum da distribuição dos sepulcrários de adro e campas as Igrejas de Minas Gerais.....	28
Figura 10: Vista do adro que dá acesso aos espaços cemiteriais.....	30
Figura 11: Vista dos fundos dos espaços cemiteriais e da Igreja do Carmo.....	30
Figura 12: Vista aérea dos espaços da Igreja do Carmo de Ouro Preto.....	31
Figuras 13 e 14: Portão do espaço cemiterial e detalhe do brasão da ordem.....	35
Figuras 15 e 16: Capela velório vista de fora e de dentro.....	36
Figuras 17 e 18: Detalhe do brasão da ordem e do retábulo da capela.....	36
Figuras 19 e 20: Eça de madeira e pintura no forro da capela.....	37
Figura 21: Ampulheta alada presente na capela mortuária.....	38
Figura 22: Catacumbas carmelitas.....	39
Figura 23: Catacumba ornamentada.....	39
Figuras 24 e 25: Detalhes e simbologias presentes em catacumba carmelita.....	40
Figura 26: Detalhes presentes em catacumba carmelita.....	40
Figura 27: Detalhe onde é possível ler “Jazigo Perpetuo”.....	41
Figura 28: Túmulo ornamentado com cruz e coroa de flores.....	42
Figura 29: Túmulo que apresenta diferentes simbologias cemiteriais.....	43
Figuras 30 e 31: Detalhes do túmulo que apresenta diferentes simbologias cemiteriais.....	43
Figuras 32 e 33: Túmulo ornamentado com anjo e detalhe da escultura.....	44
Figuras 34: Jazigo perpétuo dos Terceiros Carmelitas da Venerável Ordem Terceira de N. S. do Carmo de Ouro Preto.....	45

Figuras 35: Detalhes do jazigo perpétuo dos Terceiros Carmelitas.....	46
Figuras 36: Jazigo ossário encimado por cruz latina.....	46
Figuras 37 e 38: Ossários que remetem a urnas estilizadas.....	47
Figuras 39 e 40: Sepultamentos realizados no solo.....	47
Figura 41: Portão do espaço cemiterial ladeado por grades.....	48
Figura 42: Detalhe do vaso vazio que ornamenta a entrada do espaço.....	49
Figura 43: Túmulos ornamentados com a cruz latina.....	49
Figuras 44 e 45: Alguns dos túmulos que apresentam a imagem de Cristo crucificado.....	50
Figura 46: Túmulo que apresenta a imagem de Cristo crucificado.....	51
Figura 47: Detalhe das cabeças de anjos barrocos.....	51
Figura 48: Túmulo ornamentado com cruz latina decorada com rosas.....	52
Figura 49: Detalhes da cruz latina decorada com rosas vermelhas.....	52
Figura 50: Túmulo em formato de urna.....	53
Figuras 51 e 52: Detalhes do túmulo em formato de urna.....	54
Figura 53: Túmulo encimado com imagem da Virgem Maria.....	54
Figura 54: Túmulo decorado com estátuas em mármore.....	55
Figura 55: Retratos memoriais que decoram o túmulo.....	56
Figura 56: Estátua alegórica realizada em mármore.....	57
Figuras 57 e 58: Detalhes da alegoria feminina.....	57
Figura 59: Pietá esculpida em mármore.....	58
Figuras 60 e 61: Detalhes da imagem de Pietá.....	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. CEMITÉRIOS NO CAMPO DA MUSEOLOGIA.....	12
2. ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE OURO PRETO...19	
2.1 Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto.....	21
2.2 Cemitério do Carmo de Ouro Preto.....	23
3. SIMBOLOGIA CEMITERIAL DO CARMO DE OURO PRETO.....	32
3.1 Método Panofsky como ferramenta de análise.....	33
3.2 Espaço cemiterial murado e capela velório.....	34
3.3 Espaço cemiterial ladeado por grades de ferro.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62

INTRODUÇÃO

Com o trabalho de conclusão de curso, “Arte Tumular: a simbologia do Cemitério da Igreja do Carmo de Ouro Preto”, objetiva-se a realização de uma leitura dos elementos artísticos presentes nos espaços cemiteriais da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, paralelamente a compilação de informações acerca da vida dos fiéis que fazem parte da Ordem, para melhor entender o contexto em que as simbologias funerárias foram utilizadas. Para isto, realiza uma pesquisa acerca da aproximação dos cemitérios com a Museologia, buscando entender as similaridades entre Museus e Cemitérios. Além disso, busca observar as transformações dos ritos funerários ao longo do tempo, assim como entender o contexto em que a Ordem foi criada, passando pela construção da Igreja carmelita, e pela idealização e a construção do cemitério.

Cemitérios, para além de sua função primária, como locais de sepultamento dos mortos, são espaços dotados de significados intimamente ligados à sociedade que os criou, representando valores sociais e ideológicos. Além de equivaler ao contexto histórico em que foram criados, cemitérios são locais carregados de sentidos e sentimentos.

No contexto brasileiro, a forma e o local onde os mortos são sepultados se modificaram ao longo do tempo. Na época do Brasil Colônia, a Igreja Católica, cujo simbolismo e poder representava o centro da vida social da população, era responsável pelos ritos fúnebres e sepultamento dos mortos, já que para além de suas atividades de congregação, como batismos e casamentos, possuía também importância fundamental no momento da morte dos fiéis.

Inicialmente, os sepultamentos ocorriam nos interiores e arredores das igrejas, mas com o passar do tempo, a tendência foi afastar os cemitérios das cidades, com a construção de novos espaços cemiteriais nos arredores dos centros urbanos, principalmente nas grandes cidades, onde os ritos funerários passaram a ter cada vez menos ligação com a Igreja Católica. Entretanto, nos dias atuais, em Ouro Preto, Minas Gerais, a Igreja ainda assume um papel importante na hora do sepultamento de seus fiéis, já que os cemitérios nas dependências e arredores das igrejas seguem utilizados como espaços de inumação dos mortos.

No século XVIII, as Ordens Terceiras eram de suma importância para a vida religiosa da cidade de Ouro Preto, se caracterizando como instituições formadas por pessoas leigas, que se juntavam em torno do culto de seus santos de devoção e participavam de forma ativa na vida religiosa da sociedade. Neste contexto, foi criada a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, em 1751, iniciando, pouco tempo depois, a construção do seu templo. A princípio, os sepultamentos aconteciam no interior da Igreja, até que, no final do século XIX, foi iniciada a construção de um cemitério anexo ao templo, onde o sepultamento dos irmãos carmelitas passou a acontecer.

Atualmente, ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, existem dois espaços cemiteriais: um ladeado por grades de ferro e outro fechado com paredes de alvenaria. Ambos os espaços possuem variados túmulos, muitos deles centenários, que possuem grande valor artístico e são carregados de simbologia ligada à arte funerária, sendo um belo exemplar da arte tumular mineira. Diversos túmulos carmelitas refletem o poder dos irmãos da Ordem, sendo enfeitados com esculturas alegóricas, feitas em diferentes materiais.

A realização de uma pesquisa dos símbolos presentes no cemitério da Igreja de Nossa Senhora do Carmo se fez necessária devido a ausência de trabalhos feitos no âmbito analítico da arte funerária no cemitério em questão, e especificamente, existe uma defasagem deste tipo de pesquisa em todos os cemitérios da cidade de Ouro Preto, cuja importância patrimonial e histórica, é reconhecida internacionalmente, sendo a primeira cidade brasileira a receber o título de “Patrimônio Mundial”, pela Unesco, em 1980. A pesquisa iconográfica e iconológica se fez importante para buscar entender os significados intrínsecos aos símbolos, como suas origens, sentidos, utilizações na história, entre outras questões. Com o intuito de, através desta análise, procurar entender o motivo que levou os fiéis da Ordem Terceira do Carmo a utilizarem desta simbologia, além de aproximar estes estudos do campo da Museologia.

O presente trabalho está dividido da seguinte forma: o primeiro capítulo é uma aproximação teórica do campo da Museologia com a temática dos cemitérios. No segundo capítulo é apresentada uma pesquisa acerca da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, a construção da Igreja e a construção do cemitério

anexo. O capítulo três apresenta uma pesquisa acerca das mudanças que os ritos funerários passaram com o passar do tempo, depois o método utilizado para realizar a análise dos símbolos encontrados nos espaços cemiteriais carmelitas é exposto, assim como a análise em si. Por fim, as considerações finais, onde as reflexões acerca do resultado do trabalho são realizadas.

1. CEMITÉRIOS NO CAMPO DA MUSEOLOGIA

Considerando que “um grupo social não existe sem que haja qualquer relação com um lugar ou um espaço” (NOGUEIRA, 2013, p. 31), os cemitérios se apresentam como locais que, para além de sua função primária de sepultar os mortos, fazem parte da vida cotidiana das pessoas, e contém registros da história coletiva de determinada sociedade, e de gerações passadas deste grupo (NOGUEIRA, 2013). Estes registros socioculturais são passíveis de leitura através dos vários componentes que entram na configuração dos cemitérios, como as diferentes tipologias de túmulos, as obras funerárias que se referem a diferentes estilos artísticos, e a simbologia variada presentes nas lápides, já que

toda criação envolvida nestes ambientes está carregada de sentidos, mergulhada em intenções, possibilidades que podem ser traduzidas e interpretadas como se fossem textos. Neles a força plena da imagem se presentifica, revelando-se como abrigo da memória iconográfica de uma sociedade, ou melhor, do desejo de memória de uma cidade e seus habitantes. (ALMEIDA, 2013, p. 1991).

A arte cemiterial e toda a simbologia criada neste contexto é intimamente, ou até intrinsecamente, ligada à sociedade que os criou, sendo um espelho de suas relações sociais, podendo representar a relação de um indivíduo com um espaço repleto de significados que são compartilhados socialmente (ALMEIDA, 2013).

Os cemitérios são lugares imagéticos por excelência. Analisar a arquitetura e arte tumular é um caminho possível para se compreender, em uma dada época e sociedade os homens, suas crenças e desejos, usando como fonte as construções que se cristalizam nestes espaços. (ALMEIDA, 2007, p. 222).

Cemitérios são espaços carregados de sentidos e sentimentos que, enquanto locais de prática social, permitem com que múltiplas leituras sejam realizadas, podendo elucidar o caráter sentimental intrínsecos ao espaço. Assim, para além de serem locais onde os restos mortais são catalogados e resguardados, cemitérios são de certa forma, locais sagrados onde as manifestações socioculturais ocorrem em variadas formas. É onde o indivíduo se relaciona com o sobrenatural e pode se questionar e refletir a respeito de seus antepassados, e pensar a respeito do sentido de sua existência (NOGUEIRA, 2013).

Nesse sentido, concebendo que os cemitérios podem ser analisados de diferentes formas, é possível considerar esses locais como testemunhos históricos,

devido a potência que possuem enquanto documento, passíveis de leitura e utilizados como fontes de pesquisa histórica. Nas palavras de Le Goff:

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmitificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. (LE GOFF, 1996, p. 538).

Os cemitérios possuem o valor de *documento-monumento* não somente devido ao patrimônio arquitetônico existente ou a arte funerária ali presentes, para além disso, esses espaços estão carregados de “valores, tradições, tensões, conflitos e modos de enraizamento que se caracterizam por constituírem um conjunto de relações sociais, culturais, econômicas e políticas” (NOGUEIRA, 2013, p. 31). Os cemitérios enquanto documento-monumento, em sua maioria não foram criados enquanto registro histórico, mas acabam recebendo essa carga devido a toda a sua materialidade e valores intrínsecos que carregam.

Entendendo o caráter documental existente nesses espaços, podemos os compreender enquanto locais singulares e carregados de valor patrimonial. Cemitérios são locais que comportam uma memória coletiva de um determinado grupo, é o que Nora (1993) define enquanto *lugar de memória*, em seu estudo “Entre memória e história: a problemática dos lugares que a sociedade tem se apropriado dos lugares”, no qual, o autor afirma que a sociedade tem uma intensa preocupação com a preservação da memória. Com isso, tem se apropriado de locais para cristalizar ou materializar a memória coletiva, na tentativa de que ela não se perca frente ao que o autor chama de “aceleração da história” (NORA, 1993).

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 13)

Nora (1993), discorre a respeito da perda da memória coletiva, entendendo que ela não ocorre de forma natural, e que fazemos o uso da materialidade de espaços para reviver a memória.

Entendendo a ideia de lugar de memória, é possível ver que cemitérios, no conceito desenvolvido por Nora, se encaixam nesta descrição, já que nesses espaços é possível encontrar monumentos construídos a partir da necessidade de uma sociedade materializar a memória dos falecidos, de forma com que fique registrada e não se perca com o passar do tempo, já que “cada escultura tumular, lápide, foto ou símbolo de crença são manifestações do desejo de não esquecer” (ROSA, 2020, p. 15).

Dessa forma, enquanto lugar de memória, os cemitérios são locais onde a memória de um grupo social ou de um indivíduo pode ser acessada na materialidade, através dos túmulos e todo o simbolismo existente nesses locais, trazendo o sentimento de identificação com locais construídos no passado, mas que sobrevivem através do tempo. As gerações atuais, ao criar laços com cemitérios idealizados e construídos por gerações passadas, e ao continuar fazendo uso desses espaços, acabam criando vínculos que muitas vezes podem ser afetivos, ocasionando na construção de outras significações para estes locais. Desta maneira, a comunidade que convive com cemitérios, se apropria destes espaços criando um sentimento de pertencimento.

Nogueira (2013), diz que os cemitérios contêm qualidades que são comuns a três instituições tradicionais de preservação do patrimônio cultural, sendo: os arquivos, as bibliotecas e os museus. No que diz respeito aos museus, essa aproximação se dá devido a função de colecionamento, por mais que nos cemitérios não exista a seleção do acervo. A autora diz ainda que, cemitérios podem atrair públicos semelhantes às instituições tradicionais de preservação do patrimônio, como: “pesquisadores acadêmicos e profissionais, estudiosos em geral além do cidadão comum em busca de seus interesses, satisfação de certas necessidades, ou pela curiosidade” (NOGUEIRA, 2013, p. 34).

Assim, dessa forma, no que tange a aproximação entre cemitérios e museus, é necessário observar/analisar os cemitérios através de um olhar museológico. A respeito do objeto de estudo da museologia, Cury (2009, p. 29) diz:

A museologia, há décadas, deslocou o seu objeto de estudo dos museus e das coleções para o universo das relações, como: a relação do homem e a realidade; do homem e o objeto no museu; do homem e o patrimônio musealizado; do homem com o homem, relação mediada pelo objeto. Esse

universo de relações deve ser enfrentado na perspectiva transdisciplinar dada a sua complexidade.

Entendendo o caráter transdisciplinar da museologia, é possível observar que cemitérios configuram locais passíveis de musealização por serem espaços onde as relações do homem ou da sociedade com o patrimônio ou o objeto acontecem. De forma que, tanto os cemitérios quanto os museus são locais de memória, onde a memória coletiva de uma sociedade é mantida, de certa forma viva, através da materialidade e da relação entre os indivíduos e o espaço ou objeto.

Museus e cemitérios funcionam como espaços que fixam memórias, que freiam a inevitável rota do esquecimento e do tempo. Por meio deles, as pessoas buscam “voltar no tempo” como uma forma de reconstruir fatos e acontecimentos passados por meio de suas recordações. São lugares em que as pessoas podem, a partir do passado, articular e significar o presente, com o olhar projetado para o futuro. São, assim, como dobras no espaço-tempo, em que o passado se conecta com o presente, em que lugares longínquos são dispostos diante dos olhos, em que os mortos se comunicam com os vivos - tendo como plataforma de embarque as coleções. (TAVARES; RIBEIRO; BRAHM, 2019, p.52)

Na maioria dos museus, os objetos que compõem os acervos são retirados de seu local de origem ao serem musealizados, diferente dos cemitérios, que ao serem vistos através de um olhar museológico, o indivíduo que visita o cemitério, consegue observar os objetos (túmulos, esculturas, símbolos) in loco, em seu contexto de origem, no local onde foram idealizados para estar e serem utilizados. (TAVARES;RIBEIRO;BRAHM, 2019)

É importante dizer que para além da aproximação entre os espaços cemiteriais em si e os museus, é possível encontrar em variadas instituições museológicas diversos itens musealizados pertencentes aos seus acervos que são associados a ritos funerários, podendo elucidar práticas pertencentes a diversos povos. De forma que demonstra a importância de buscar entender e estudar os aspectos ligados à morte e ao sepultamento dos mortos para entender os traços de uma sociedade. Objetos funerários compõem acervos de museus desde seus primórdios.

Tanto os cemitérios quanto os museus foram construídos pelos vivos, para os vivos. Os cemitérios são construídos para inumar os mortos, mas também para servirem de consolo aos que ficam, para serem locais de memória e lembranças. Os

museus e os cemitérios são locais que conectam dois mundos, o dos vivos e o dos mortos.

A rigor, os processos de musealização abarcariam o mosaico formado pela profusão de materialidades (lápides, caminhos, oferendas aos mortos, crematórios, defuntos-celebridades) em justaposição a um vasto espectro de subjetividades (cores, memórias dos mortos, narrativas dos vivos, valores, texturas, odores, emoções...) que oferecem ao espaço cemiterial um sopro de vida, no sentido de provê-lo de espírito que anima a matéria. (TAVARES; RIBEIRO; BRAHM, 2019, p.57)

Cemitérios não foram construídos e pensados para serem musealizados, mas possuem potencial para isto. Ao se musealizar um cemitério, se confirma seu caráter enquanto documento-monumento, trazendo a possibilidade de projeção de diversos significados e leituras. Atualmente, os cemitérios são tidos como um novo lugar representativo, que se propõe a resguardar suas identidades próprias, facilitar o convívio entre diferentes classes sociais e garantir a preservação do espaço que contém as obras funerárias, que retratam suas memórias, estes itens são favoráveis para transformá-los em museus (BORGES, 2016).

No nosso entendimento, os espaços cemiteriais da Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto, para além de serem um testemunho da época em que foram criados, são também registros da sociedade que os idealizou, os construiu e os vem utilizando ao longo dos tempos. É um marco da existência dos irmãos carmelitas e de suas práticas sociais, crenças, e mentalidade. Além de elucidar as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, seja da sociedade em si ou das próprias práticas funerárias.

No momento em que o cemitério começou a ser construído no final do século XIX, os cemitérios tinham grande importância como parte do cotidiano da sociedade mineira da época, eram locais onde se dava parte do dia a dia das pessoas, já que participar de ritos funerários e ter vínculo com a Igreja católica era de suma importância para a vida social. Com o passar dos tempos, essa relação se altera enquanto reflexo das mudanças que a sociedade experimenta em diferentes períodos. Com essas transformações, novas significações podem ser criadas, alterando também os sentimentos e sentidos que se dá aos espaços cemiteriais, como por exemplo, passar a olhar o espaço por um viés museológico.

Com todos esses anos de história, o cemitério do Carmo permite diferentes leituras e análises, entre elas, a leitura de suas simbologias, como a que será realizada no terceiro capítulo do presente trabalho. Ao observar as diferentes tipologias de túmulos e símbolos encontrados nos espaços cemiteriais, é possível ver como o cemitério é o registro de uma história, já que é possível encontrar ali sepultadas, tanto pessoas que viveram no século XIX, como pessoas que viveram o século XXI.

Ouro Preto é considerada hoje uma cidade turística, que recebe grandes números de visitantes anualmente. A própria Igreja do Carmo cobra entrada para que as pessoas possam visitar o interior do templo, mas os espaços cemiteriais não são abertos para visitação, e se encontram fechados a maior parte dos dias. Porém ao caminhar nas proximidades do cemitério, é possível ver um grande fluxo de pessoas interessadas no cemitério, por mais que a maioria destas pessoas não seja de Ouro Preto, e estão só de passagem, sem ter uma ligação sentimental com aqueles espaços e sem nenhum laço com aquelas pessoas ali sepultadas, é possível encontrar olhares curiosos para as lápides que ali se encontram.

Visitar um cemitério é também visitar um tempo passado, onde se encontram informações sobre famílias e pessoas, e dessa forma conhecer e entender quem eram os irmãos carmelitas que já se foram, mas que no passado deixaram sua marca na Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto.

O cemitério do Carmo possui uma grande potência patrimonial, reconhecido pelo Instituto do Patrim nio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, que através do tombamento realizado em 1985 (na época denominado SPHAN) concedeu o status de patrimônio cultural para a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e todo seu acervo, incluindo também os espaços cemiteriais anexos.

O cemitério do Carmo, com suas lápides, sua monumentaliza o, seus símbolos e suas narrativas, abrem portas para inúmeras possibilidades e ressignifica es. Seu espaço corresponde aos conceitos de *documento-monumento* (LE GOFF, 1996) e *lugar de memória* (NORA, 1993) possuindo um grande potencial para a musealiza o. A musealiza o de cemitérios não é uma regra, já que essa decisão cabe aos carmelitas e   Mesa Administrativa da Ordem, mas sem d vidas é

um espaço que comporta inúmeras possibilidades, sejam de caráter museológico e/ou turístico, ou até de inúmeras outras naturezas.

2. ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE OURO PRETO

As ordens terceiras e as irmandades são agremiações formadas por católicos leigos, pessoas que não pertencem ao clero mas que, devido à fé, se reúnem com o intuito de cultuar seus santos, tendo como referência uma Ordem Religiosa. Estas instituições surgiram na Europa durante a Idade Média e tinham como principal encargo prestar caridade a pessoas que necessitavam de auxílio como, por exemplo, por meio das Irmandades da Misericórdia — a primeira fundada em Portugal, em 1498, e que ficaram responsáveis pelas Santas Casas, instituições que persistem até os dias atuais—, responsáveis por “tratar os enfermos, patrocinar os presos, socorrer os necessitados e amparar os órfãos” (SILVA, 2011, p.4).

Após o Concílio de Trento, realizado entre 1545 e 1563, a Igreja passou a estimular a criação destas comunidades fraternais como meio de modernizar a Igreja Católica, possibilitando que leigos tivessem um maior envolvimento com a prática da religião. As ordens terceiras e as irmandades tinham, para além da função de realizar atos de bondade, um papel fundamental na vida de seus filiados.

As ordens terceiras e irmandades garantiam aos seus filiados uma proteção corporativa que implicava na assistência espiritual e material. Em geral, elas responsabilizavam-se pela prestação dos seguintes serviços piedosos: socorro em caso de doença, viuvez ou desgraça pessoal; preparação e execução de cortejos fúnebres e enterros solenes; celebração de missas em sufrágio da alma e concessão de sepultura em solo sagrado o que era feito com beneplácito da paróquia. (CAMPOS, 2011, p. 96).

As Ordens Religiosas se estabeleceram no Brasil no século XVI, vindas de Portugal, elas rapidamente se espalharam pela colônia, onde “o clero regular prosperou e acumulou capital político, econômico e cultural” (LIMA FILHO, 2019, p. 2). No início do século XVIII, quando a região de Minas Gerais se estabelecia como o centro da atividade mineradora da colônia, as ordens regulares foram proibidas pela metrópole de entrar em território mineiro, tendo sua expulsão ordenada em caso de descumprimento da determinação. O motivo alegado pela Coroa, era que o clero regular teria envolvimento com o contrabando de ouro na região, sendo também acusados de incitar a população a não pagar impostos (BOSCHI, 1986 *apud* BRUSADIN; QUITES, 2016). Este cenário contribuiu para que as ordens terceiras e irmandades formadas por leigos começassem a se estabelecer em Minas Gerais, sendo essenciais para definir a vida religiosa e social na capitania.

A devoção a Nossa Senhora do Carmo é antiga, e o surgimento da Ordem do Carmo remete, lendariamente, a uma passagem do Antigo Testamento, na qual é narrada a história do profeta Elias, que teria seguido uma vida eremítica de silêncio e orações em uma gruta, inspirando os primeiros religiosos da Ordem. A expansão devocional a Nossa Senhora do Carmo se deu devido a ampliação de espaços conventuais e de associações de leigos (BRUSADIN; QUITES, 2016). As primeiras organizações carmelitas portuguesas foram criadas no início do século XIV, tendo se multiplicado rapidamente pelo território português. No século XVI, os carmelitas portugueses chegaram em terras brasileiras, trazendo o culto a Nossa Senhora do Carmo à região (REZENDE, 2016).

Na região de Villa Rica, a população que chegava em busca do ouro crescia diariamente, e entre os recém chegados haviam pessoas pertencentes à Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro e a Ordem Terceira do Carmo de Portugal. A falta de suas associações religiosas no território fez com que sentissem necessidade de fundar uma Irmandade Terceira na região. Este grupo decidiu se reunir e fazer um pedido a Roma e ao Rei de Portugal para que pudessem fundar a Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Vila Rica, que hoje é conhecida como Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto (NEVES; COTTA, 2011). A autorização para funcionamento da Ordem foi dada em 15 de maio de 1751. De acordo com Brusadin e Quites (2016, p. 182):

Nos primórdios da criação dessas agremiações no Brasil, só poderiam fazer parte de certas ordens, como a carmelita e a franciscana, homens “puros de sangue”, de boa fama, de boa família e de bom status econômico. Desse modo, os devotos tendiam a se unir conforme um critério racial, profissional e/ou econômico.

A Ordem era composta por homens brancos com grande valor aquisitivo, sendo, no geral, comerciantes da região. O que fez com que a Ordem Terceira do Carmo tenha ganhado destaque como a mais rica e próspera entre as irmandades mineiras (SALLES, 1963).

Em 2022, a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto comemora 271 anos de fundação, e segue sendo uma instituição presente na cidade. Em consonância com as mudanças de ordem social ocorridas ao longo deste período, o perfil dos irmãos carmelitas também vêm se transformando, já que,

atualmente, a irmandade é composta por ouropretanos de diferentes esferas e extratos sociais, em contraste com seus quadros iniciais, formados por homens brancos e membros da elite.

2.1 Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto

A princípio, os irmãos da nova Ordem não tinham um templo próprio para realizar suas preces, de acordo com Neves e Cotta (2011 p.152), “ao que tudo indica os primeiros momentos da Ordem ocorreram na Igreja de Bom Jesus e Perdões, para depois migrarem para a Capela de Santa Quitéria”. A capela que havia sido construída no início do século XVIII ficava localizada na divisa entre os arraiais de Ouro Preto e Antônio Dias, no alto de um morro onde a Irmandade de Santa Quitéria se reunia para rezar suas missas. Com o tempo, os irmãos carmelitas decidiram construir seu próprio templo no local onde ficava a capela de Santa Quitéria. Passaram por um longo processo de negociações com a Irmandade de Santa Quitéria, até que conseguiram chegar a um acordo, onde concordaram em demolir a capela para realizar a construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo. De acordo com Neves e Cotta:

Como exigência para o acordo, a Irmandade de Santa Quitéria solicitou que, no espaço do arco do cruzeiro para a capela-mor fossem enterrados seis irmãos beneméritos sendo as sepulturas assinaladas, e que a imagem da Santa estivesse sempre no altar-mor, no primeiro degrau abaixo do trono de Nossa Senhora do Carmo. Isso ainda acontece nos dias de hoje. (2011, p. 157)

O irmão carmelita Manoel Francisco Lisboa ficou responsável pela realização do risco do templo, que teve sua construção iniciada em 1756, realizada pelo mestre de obras José Pereira dos Santos. Francisco de Lima Cerqueira foi responsável por executar o frontispício, os arcos do coro e o lavabo da sacristia, tendo a colaboração de Antônio Francisco Lisboa, conhecido popularmente como Aleijadinho, que, segundo especialistas, teria esculpido as esculturas da portada e um lavabo no interior do templo, ambos em pedra sabão (PMOP, 2012) (Figura 1).

Com a conclusão da parte arquitetônica do templo, iniciou-se a decoração interna em 1784, sendo construídos altares laterais dedicados a Santa Quitéria, Santa Luzia, São João Batista e Nossa Senhora da Piedade. Acredita-se que Aleijadinho e seus oficiais tenham participado de parte da talha dos altares laterais.

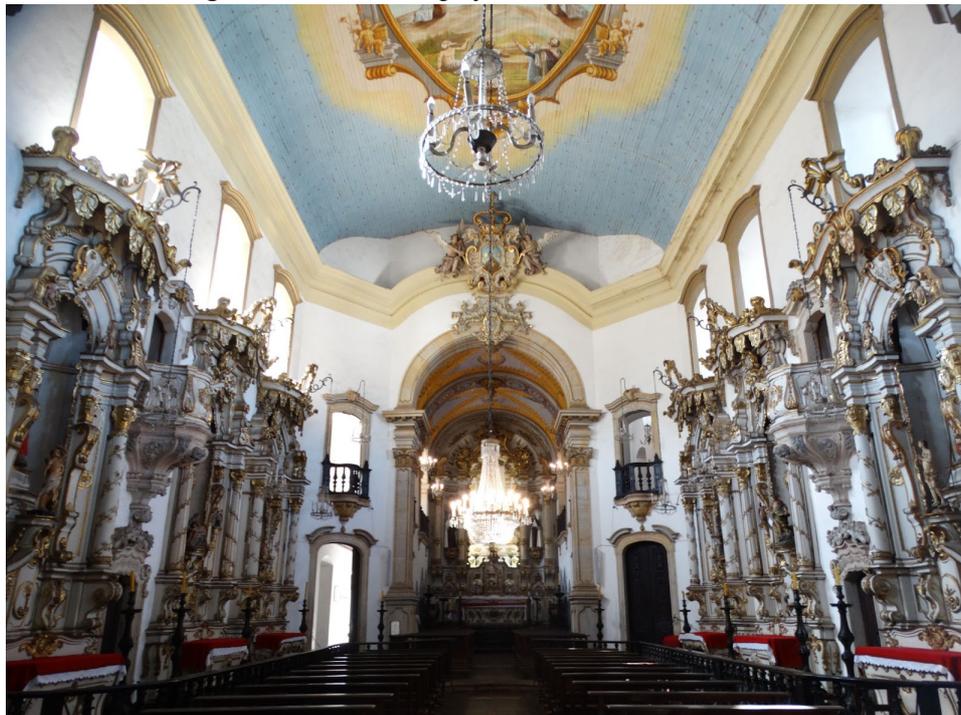
(Figuras 2 e 3) A pintura e o douramento dos altares foram realizados por Manuel da Costa Ataíde, sendo também o autor do risco do altar-mor, que teve a talha realizada por Vicente da Costa. A pintura dos forros da nave e da capela-mor foram realizadas posteriormente, entre 1908 e 1909, pelo pintor Ângelo Clerici. Tanto a decoração do interior, quanto do exterior da igreja, tem como estilo predominante o Rococó, sendo considerado um importante exemplar do Rococó Mineiro.

Figura 1: Igreja do Carmo de Ouro Preto



Fonte: da autora, 2022

Figura 2: Interior da Igreja do Carmo de Ouro Preto



Fonte: da autora, 2022

Figura 3: Imagem de Nossa Senhora do Carmo e de Santa Quitéria no Altar-mor



Fonte: da autora, 2022

2.2 Cemitério do Carmo de Ouro Preto

No Brasil colonial, a Igreja Católica determinava que os fiéis falecidos deviam ser sepultados em local santo, “na crença de que aquelas almas, por receberem

orações diárias, fariam uma passagem tranquila para o paraíso celeste” (NOGUEIRA, 2013, p. 24), assim, era costumeiro que os sepultamentos acontecessem no interior das Igrejas e em seus cemitérios anexo.

Os ritos funerários eram organizados e realizados pelos irmãos da Ordem, que asseguravam que as missas de sufrágio e missas de sétimo dia acontecessem, para que os falecidos tivessem suas almas acolhidas nos reinos do céu. Os carmelitas rezavam pela alma dos que haviam morrido e garantiam que suas vontades registradas em seus inventários fossem realizadas, já que muitos pagavam ainda em vida pela quantidade de missas que queriam que fossem realizadas pelas suas almas quando chegasse a hora da morte.

A princípio, os sepultamentos eram realizados abaixo dos assoalhos das Igrejas, feitos de forma modesta, já que “os túmulos encontrados nas igrejas coloniais brasileiras eram muito semelhantes: uma inscrição, uma lápide, às vezes um brasão para destacar a origem nobre da família do morto, eram suficientes” (BELLOMO, 2000 apud BARBOZA, 2013, p. 131). Geralmente no assoalho que cobriam as sepulturas, eram entalhados números para que as associações religiosas conseguissem identificar o falecido ali inumado. Estas campas se caracterizavam por pequenas covas situadas no solo dos templos, “elas eram bem visíveis, pois cobriam o chão do interior da igreja com pequenos quadrados de madeira de aproximadamente 1,50 m de comprimento e espaçamento de 10 cm entre uma e outra cova” (SILVEIRA, 2010, p. 123-124). Era dessa forma que os fiéis carmelitas sepultavam os seus mortos, em campas no interior do templo dedicado a Nossa Senhora do Carmo (Figuras 4 e 5).

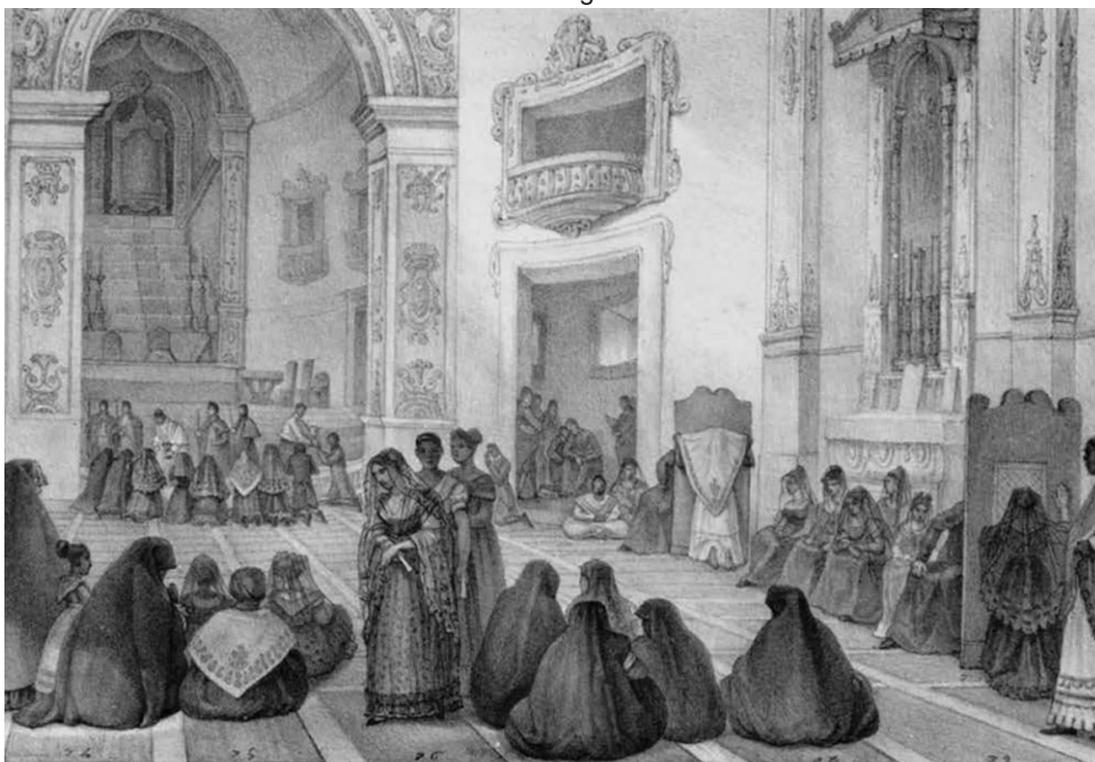
Figuras 4 e 5: Campas localizadas no interior da Igreja do Carmo



Fonte: da autora, 2022

Jean-Baptiste Debret, artista francês que participou da fundação da Academia Imperial de Belas Artes no Brasil, no início do século XIX, registrou a imagem de fiéis sentados sobre covas dentro de uma igreja, ilustrando a simplicidade das campas que possuíam apenas números de identificação (Figura 6). Além disso, o artista mostrou como fiéis se sentavam em cima das campas esperando pela comunhão e pela confissão, demonstrando como era grande a proximidade entre o mundo dos vivos e dos mortos. Ainda neste sentido, era comum que estivessem abrindo covas no interior dos templos enquanto as missas eram celebradas (REIS, 1991 *apud* BRAVO, 2014, p.310).

Figura 6: Manhã de Quarta-feira Santa na Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, situada à Rua da Alfândega/RJ

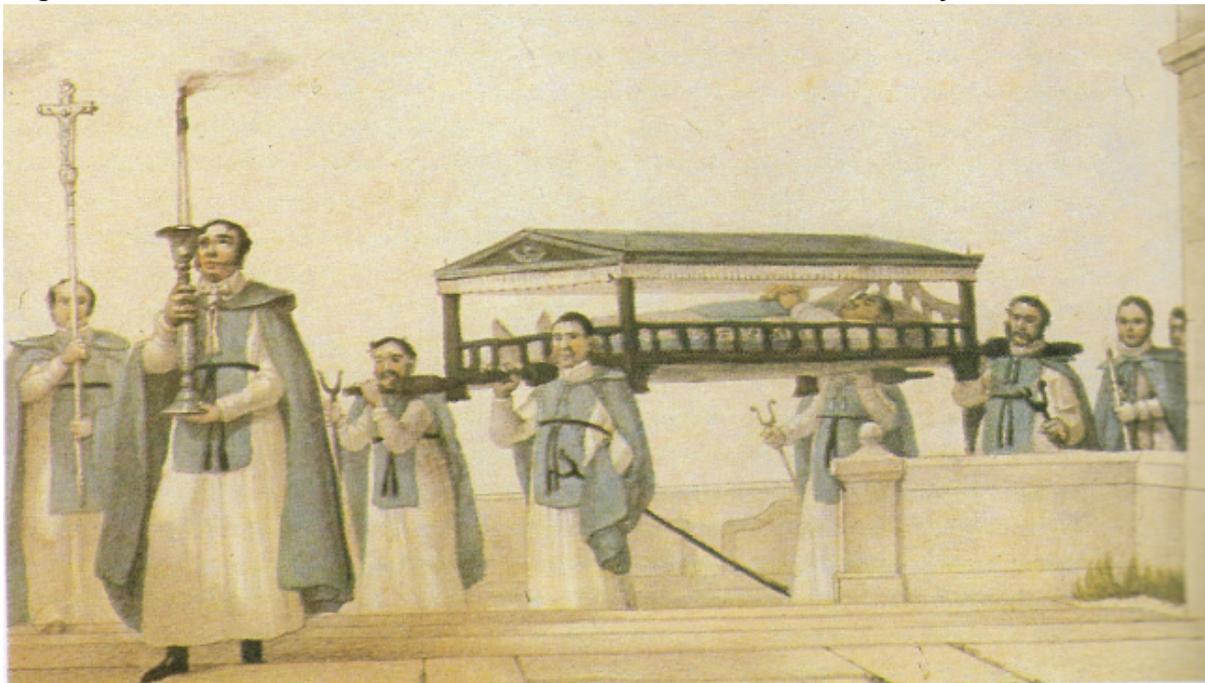


Disponível em:

<http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/a-morte-hierarquizada-os-espacos-dos-mortos-no-rio-de-janeiro-colonial-1720-1808/> Acesso em 20 abril 2022

Debret ilustrou ainda, o enterro de um membro da irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Janeiro (Figura 7), que demonstra como os rituais funerários eram realizados na época do Brasil colônia no contexto das irmandades religiosas. Na ilustração é possível ver que o falecido era carregado em uma espécie de palanquin funerário, conhecido popularmente como esquife, objeto utilizado para transportar os mortos. É possível encontrar um palanquin semelhante ao ilustrado por Debret na Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto (Figura 8), os irmãos carmelitas acreditam que ele teve dois usos no passado, sendo durante os ritos funerários, e durante a procissão do enterro, que ocorre durante a Semana Santa, na qual a imagem do Senhor Morto é colocada sobre um esquife, cerimônia que durante o século XVIII, ficava a cargo da Ordem Terceira do Carmo (NEVES; COTTA, 2011).

Figura 7: Enterro de um membro da irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Janeiro



Fonte: DEBRET, Jean Batiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. 2008

Figura 8: Palanquim pertencente a Ordem Terceira do Carmo

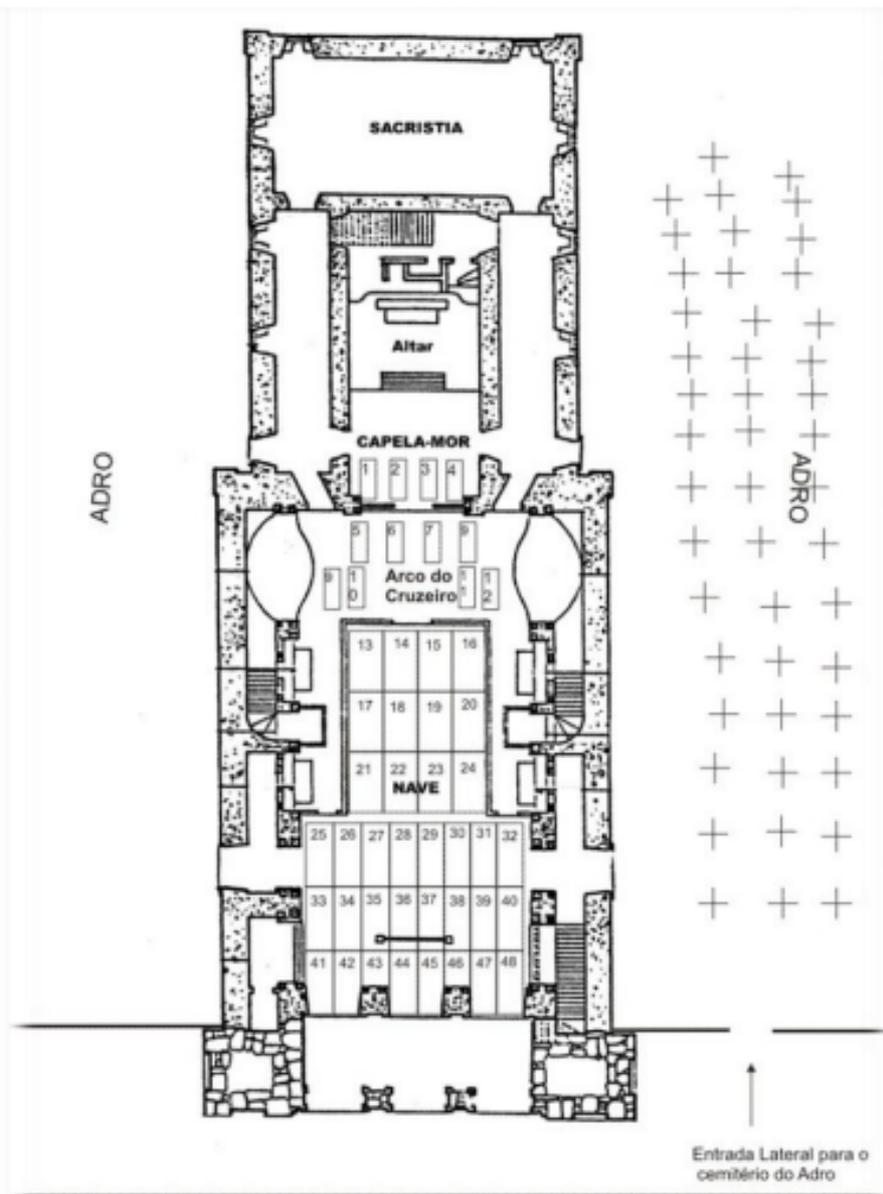


Fonte: da autora, 2022

Havia uma hierarquia ao escolher o local de inumação dos mortos no interior dos templos, que ocorriam de acordo com as divisões espaciais que existiam nas igrejas (Figura 9). Os membros pertencentes às ordens que tinham maior prestígio social, ou os membros da Mesa Administrativa das ordens, tinham a chance de escolher, em vida, o local que queriam ser sepultados dentro dos templos, sendo geralmente localizadas na capela-mor das igrejas. De acordo com Silveira:

Os cemitérios de campas se distribuíam no interior dos templos católicos em três áreas distintas espacial e hierarquicamente. As de maiores proporções e menor prestígio são as campas localizadas no corpo da nave dos templos. Em seguida, em direção à capela-mor estavam localizadas as sepulturas do arco do cruzeiro e logo à frente destas, as sepulturas de maior valia situadas na capela-mor. As sepulturas do adro encontravam-se normalmente espalhadas nos espaços laterais. Em alguns casos foram cercadas por muros e em outros não, mantendo uma contiguidade visual entre os túmulos e a ruas. (SILVEIRA, 2010, p.124)

Figura 9: Modelo comum da distribuição dos sepulcrários de adro e campas as Igrejas de Minas Gerais



Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf6/5Felipe.pdf>> Acesso em 20 abril 2022

Na Europa, durante o século XVIII, a prática de sepultar pessoas no interior de templos passou a ser questionada por razões sanitárias e, logo, se tornou uma preocupação em solo brasileiro. De acordo com Borges (2002), “no Brasil, os

enterramentos fora das igrejas foram determinados em 1828 pela Lei de 1º de outubro, outorgada por D. Pedro I” (apud RODRIGUES; SILVA, 2019, p. 93). Durante o século XIX, foram construídos diversos cemitérios extramuros no país e a tendência, com o passar do tempo, foi afastar cada vez mais os cemitérios das cidades, com a construção de novos espaços cemiteriais nos arredores dos centros urbanos, principalmente nas grandes metrópoles, onde os ritos funerários passaram a ter cada vez menos ligação com a Igreja Católica. Entretanto, em Ouro Preto, a forte religiosidade definida pelas Irmandades, faz com que a Igreja Católica ainda tenha grande importância no momento da morte de seus fiéis, já que os cemitérios nas dependências e arredores das igrejas funcionam para sepultamentos ainda nos dias atuais.

Na primeira metade do século XIX, os irmãos carmelitas decidiram construir um cemitério anexo à Igreja. Sua construção teve início em 1829, sob o gerenciamento do arquiteto Manuel Fernandes da Costa, que após algum tempo foi substituído por João Miguel Ferreira. Em 1861, adotou-se um novo projeto para o cemitério, de autoria do engenheiro alemão Henrique Gerber, que na época se encontrava em Minas Gerais a serviço do Governo Provincial, cuja obra foi concluída em 1868. Em 17 de setembro de 1865, foi realizado um novo contrato, para a construção de uma capela semi-circular e paredes exteriores ao cemitério. Francisco de Paula Machado foi o responsável pela obra que, dois anos mais tarde, finalizou a construção das 30 últimas catacumbas. Em 1897, toda a obra do cemitério foi concluída. (INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL: IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, 2012)

Atualmente, ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Carmo existem dois espaços cemiteriais (Figuras 10, 11 e 12), um construído no século XIX, cercado com paredes de alvenaria, e um ladeado por grades de ferro, no qual não foi possível encontrar informações sobre o ano inicial da sua construção. Porém, no Inventário de Proteção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo de 2012, é possível encontrar informações sobre reformas que ocorreram no cemitério durante o século XX, no qual aponta que anteriormente, o espaço era ladeado por muros de alvenaria, sendo então, entre os anos de 1963 e 1965, substituídos por grades de ferro.

Figura 10: Vista do adro que dá acesso aos espaços cemiteriais



Fonte: da autora, 2022

Figura 11: Vista dos fundos dos espaços cemiteriais e da Igreja do Carmo



Fonte: da autora, 2022

Figura 12: Vista aérea dos espaços da Igreja do Carmo de Ouro Preto



Fonte: Leonardo Lopes, 2022

3. SIMBOLOGIA CEMITERIAL DO CARMO DE OURO PRETO

Com a construção dos cemitérios anexos às igrejas o cenário mudou, o local de inumação dos mortos ganhou novos contornos. Diferente das campas no interior das igrejas, nos cemitérios anexos não havia hierarquia de local de sepultamento, de forma que as famílias abastadas e de grande importância na sociedade utilizaram da monumentalização e ornamentação de seus túmulos para se destacar e representar sentimentos. Ao deixar os salões das Igrejas, os sepultamentos levaram consigo para os cemitérios, os artefatos e símbolos religiosos, utilizando com regularidade o uso de imagens sacras e simbologias cristãs (NOGUEIRA, 2013).

A monumentalização repleta de simbologia sobre os túmulos é utilizada para lembrar a importância social e a crença do falecido, contando histórias através das esculturas. “A sociedade burguesa, dotada de maior poder aquisitivo, procurava importar seus túmulos com arquitetura semelhante àquelas produzidas na Europa, ou os encomendavam a escultores imigrantes e descendentes europeus” (NOGUEIRA, 2013, p. 29). Dessa forma, os cemitérios são como reflexos de determinados grupos sociais, que utilizam de diferentes meios para manter sua identidade cultural viva, utilizando de estátuas, fotografias, simbologias, epitáfios, entre outros (ARAÚJO, 2014).

Através da simbologia contida nas sepulturas, podemos entender a relação com a finitude, uma vez que toda expressão simbólica é uma forma de discurso. Quando um indivíduo, família, grupo ou instituição escolhe este ou aquele símbolo para compor determinada sepultura, está reafirmando suas crenças religiosas e culturais da comunidade na qual estão inseridos. (ARAÚJO, 2014, p. 84).

Em cemitérios mantidos por instituições religiosas, como é o caso do cemitério do Carmo, entende-se que a simbologia encontrada nesses lugares está vinculada ao simbolismo religioso, já que, além de serem locais de inumação dos mortos, são considerados campos sagrados pelos praticantes do catolicismo.

Para além desse caso, toda a arte produzida no contexto cemiterial e funerário é conhecida como arte tumular, ou arte funerária. De acordo com Borges, a arte tumular:

Apresenta um universo cultural próprio: é intemporal, foi feita no passado e sobrevive ao presente; é transmissora de significados peculiares, pois reflete a cultura emocional da época, o gosto dominante do grupo social de que procede e tem uma função ideológica relacionada com a ideologia da sociedade burguesa. Está imbuída de forte carga simbólica, pois nada é incorporado ao conjunto de modo aleatório. Diante do monumento funerário, podemos detectar seu significado artístico, religioso e moral; podemos tocá-lo, sentir sua textura, verificar o brilho dos cristais do mármore, reconhecer sua forma, sua função e, sobretudo, emocionarmos. Enfim, a arte funerária tem uma abrangência maior do que se supõe. (2004, p. 4-5).

O autor afirma ainda que, “no início do século XX o cemitério era o local mais visitado de uma cidade. Ele proporciona a toda comunidade entrar em contato com um tipo de obra veiculadora de um ideário estético determinado” (BORGES, 1997, p.23). Além das Igrejas, os cemitérios eram importantes locais para a sociedade da época, por serem locais onde a população se encontrava e criava relações.

O Cemitério da Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto, é um belo exemplo de como a arte tumular pode servir para demonstrar o poder que um grupo social possui, já que diversos túmulos carmelitas são suntuosos e enfeitados com esculturas alegóricas, feitas em diferentes materiais. Neste sentido, possuem um grande valor artístico e são carregadas de simbologia ligada à arte tumular, tanto em suas singularidades como em sua totalidade.

3.1 Método Panofsky como ferramenta de análise

Panofsky (2011), desenvolveu um método de análise de obras de arte no qual existem três níveis de significado ou tema ao se analisar determinada obra:

i) O tema primário ou natural consiste na identificação das formas puras, seria um entendimento primário, que se tem ao observar por alguns segundos determinado objeto, é o que o autor chama de descrição pré-iconográfica.

ii) O tema secundário ou convencional, consiste em reconhecer que existe um conceito associado à arte, ou seja, entender o significado por detrás das formas artísticas de determinado objeto ou imagem. O autor defende que interpretar esses significados secundários seria realizar uma análise iconográfica. “Iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma” (PANOFSKY, 2011, p.47).

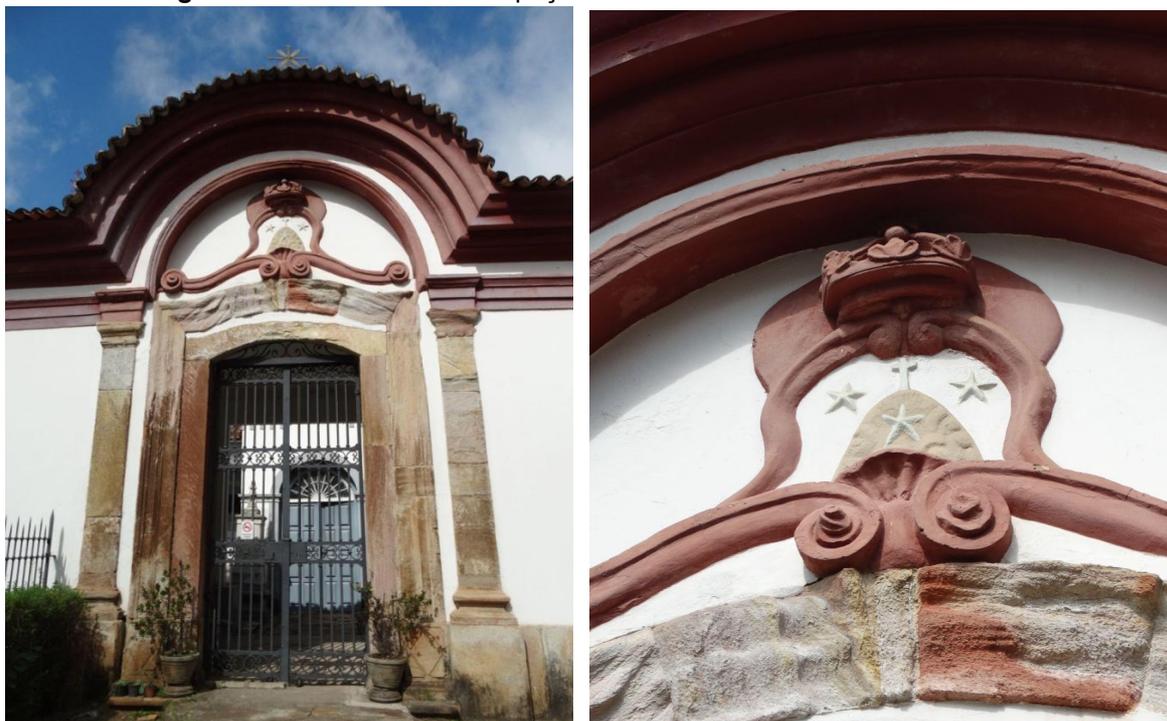
iii) O terceiro tema, é o que o autor chama de significado intrínseco ou conteúdo, que está associado ao conceito de Iconologia, que consiste em relacionar a interpretação de imagens com o contexto social, temporal e geográfico no qual foram produzidas, a fim de se obter um maior entendimento acerca de seus significados e motivações, consiste em interpretar os significados profundos associados a arte.

O método desenvolvido por Panofsky (2011), pode ser utilizado enquanto ferramenta analítica para as pesquisas realizadas a respeito da arte funerária, a fim de examinar/observar/investigar/verificar as significações intrínsecas às variadas simbologias encontradas nos cemitérios. No presente capítulo, será realizada uma leitura dos símbolos encontrados no cemitério da Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto, buscando registrar e interpretar os ícones tumulares existentes em ambos os espaços cemiteriais, sendo, o espaço ladeado por muros de alvenaria, incluindo a simbologia e arte existentes na antiga capela de velórios, e o espaço ladeado por grades de ferro.

3.2 Espaço cemiterial murado e capela velório

O espaço cemiterial ladeado por muros de alvenaria começou a ser construído em 1829. Este local possui diferentes tipologias de sepulturas onde muitas destas possuem ornamentação e monumentalização, e em diversas é possível encontrar a data de falecimento daqueles que ali se encontram inumados, sendo muitos do final do século XIX e início do XX. O único acesso a este local, é por um grande portão de metal, encimado por uma estrutura semi-circular, onde no topo existe uma cruz (Figura 13), logo abaixo é possível encontrar o brasão da Ordem do Carmo, no qual possuem três estrelas, uma cruz e uma coroa (Figura 14). No entorno do símbolo é possível ver rocalhas, elementos decorativos comuns do estilo rococó, o mesmo utilizado na ornamentação interna da Igreja do Carmo de Ouro Preto.

Figuras 13 e 14: Portão do espaço cemiterial e detalhe do brasão da ordem



Fonte: da autora, 2022

Ao centro, assim que se passa pelos portões de ferro, se encontra uma capela do século XIX, construída para a realização de velórios porém nos dias atuais se encontra em desuso (Figura 15), tem as portas abertas nos dias em que o cemitério é aberto para visitação. A capela possui uma planta semicircular, porta dupla com almofadas retangulares na parte frontal e portas duplas laterais, que d o para os dois lados do espaço cemiterial. Em seu interior, se encontra um retábulo em madeira policromada com um tom predominante de azul e branco, com detalhes em dourado e vermelho (Figura 16). Apresenta talha simples, quando comparada a talha encontrada nos altares e retábulo da Igreja do Carmo,   possível ver alguns resquícios de policromia em algumas áreas, o que pode significar que essas não sejam as cores originais da capela. Atualmente, o pequeno retábulo se encontra vazio, sem imagens de santos, porém o local parece ser utilizado para depósito de alguns fragmentos de santos e flores que já não tem uso nos ritos da Igreja, a única imagem encontrada inteira no local é uma pequena escultura de Nossa Senhora Aparecida. No alto do retábulo se encontra o brasão da Ordem do Carmo, semelhante ao encontrado na portada do cemitério (Figura 17).

Figuras 15 e 16: Capela velório vista de fora e de dentro



Fonte: da autora, 2022

Figuras 17 e 18: Detalhe do brasão da ordem e do retábulo da capela



Fonte: da autora, 2022

No centro se encontra uma antiga “eça” de madeira (Figura 19), espécie de mesa utilizada durante os ritos funerários, onde os caixões com os corpos dos falecidos ficavam dispostos durante os velórios. O forro da capela apresenta uma pintura, é a representação de uma figura feminina, que se encontra sentada e recostada sobre um túmulo, segurando uma coroa de flores (Figura 20). No entorno duas colunas que seguram uma espécie de cortina, e acima da figura feminina

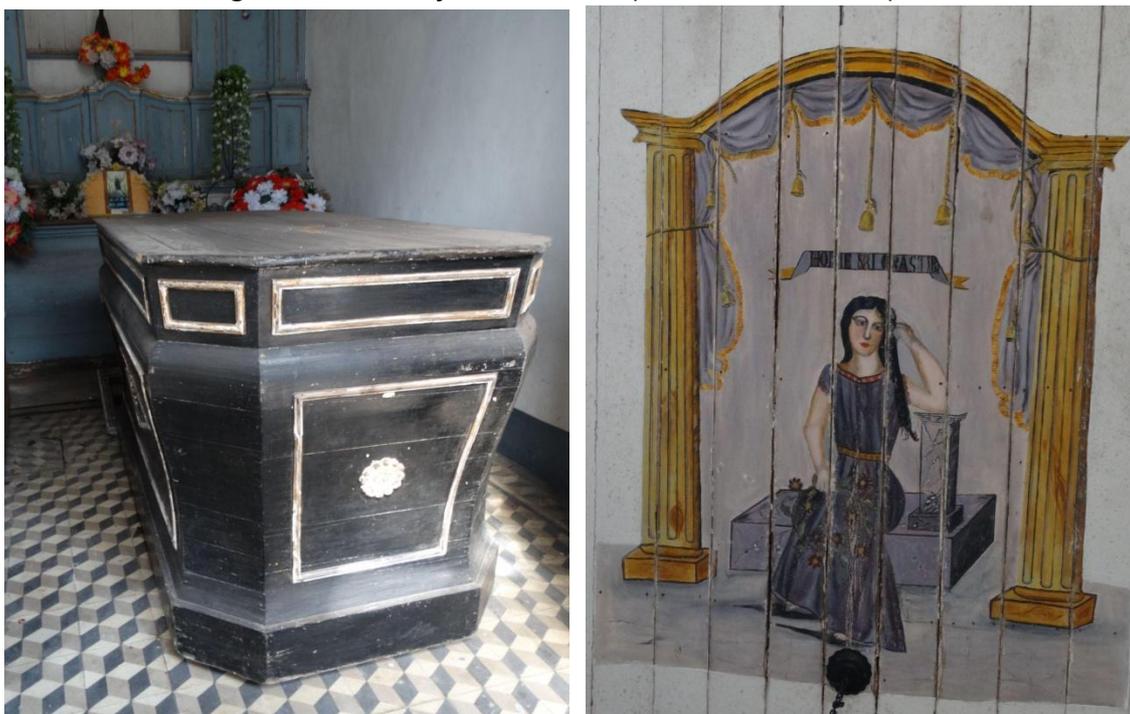
possui uma frase em latim, que devido ao estado de conservação da pintura, não foi possível de identificar.

Trata-se da alegoria da saudade. “A alegoria funerária, é na verdade (como toda alegoria) uma figura que encarna uma idéia por meio da sua representação: portadora de índices iconográficos, estes vão dotá-la de significados específicos.” (CARVALHO, 2008, p. 412). São figuras presentes na arte que representam uma ideia ou um sentimento, as alegorias femininas estão muito presentes nas esculturas funerárias, aparecem como uma forma de representar sentimentos a respeito da morte, neste caso da pintura presente na capela, é a personificação da saudade que os familiares sentem da pessoa falecida.

Próximo ao forro, é possível observar a pintura de uma ampulheta com asas (Figura 21), símbolo recorrente na arte cemiterial, de acordo com Mendes “a ampulheta simboliza a queda eterna do tempo, seu escoamento inexorável que se conclui, no ciclo humano, pela morte” (2007, p. 226). O ícone é utilizado para representar a brevidade da vida, e o passar do tempo terrestre. Geralmente, as asas, quando utilizadas em arte funerária, representam a espiritualidade.

A capela, assim como parte do espaço ladeado por muros de alvenaria, possui um piso feito em ladrilhos hidráulicos, semelhante ao encontrado nos corredores laterais da Igreja que levam a sacristia.

Figuras 19 e 20: Eça de madeira e pintura no forro da capela



Fonte: da autora, 2022

Figura 21: Ampulheta alada presente na capela mortuária



Fonte: da autora, 2022

Neste espaço cemiterial existem diversas gavetas horizontais, sendo a tipologia de sepultamento encontrada em maior abundância no local. As gavetas, catacumbas ou carneiros, “podem ser descritas como sendo sepulturas sobrepostas, construídas em paredes em que os corpos são depositados em nichos de forma longitudinal ou transversal” (SILVEIRA, 2010, p. 126).

A grande maioria não possui ornamentação, somente o nome da pessoa sepultada, seu ano de nascimento e o ano de falecimento, registrados em tinta preta sobre pintura branca, possui também um pequeno espaço para a colocação de flores. (Figura 22) Entre as gavetas horizontais, duas se sobressaem, por possuírem material diferente das demais, aparentemente, feitas em pedra Ouro Preto, encontrada com abundância na região. Esses túmulos se diferem também pelo fato de serem ornamentados. Um deles trata-se do local onde encontra-se sepultado um ex-prefeito e médico da cidade de Ouro Preto (Figura 23), seu túmulo é ornamentado com a cabeça de três pequenos anjos barrocos, com asas no entorno, motivo comum na arte barroca, muito presente nas Igrejas ouropretanas (Figura 24). O túmulo possui também um pequeno símbolo, representando uma taça com uma cobra, símbolo ligado à medicina, profissão que em vida, o falecido exerceu (Figura 25), e além disso, mais um símbolo que se encontra nas duas quinas internas

superiores, que se trata de uma estilização da flor de lírio. O Lírio simboliza a pureza, podendo estar ligado também à pureza da Virgem (RODRIGUES, 2014).

Figura 22: Catacumbas carmelitas



Fonte: da autora, 2022

Figura 23: Catacumba ornamentada



Fonte: da autora, 2022

Figuras 24 e 25: Detalhes e simbologias presentes em catacumba carmelita



Fonte: da autora, 2022

A outra gaveta horizontal que se difere é um jazigo perpétuo onde só se encontra informações de uma pessoa inumada, trata-se de uma mulher que faleceu em Paris em 1907, e que posteriormente teve seus restos mortais trazidos para Ouro Preto, onde foram sepultados (Figura 26). O jazigo é ornamentado com formas que remetem a rocalhas, elemento decorativo muito presente nas Igrejas de Ouro Preto, que remetem ao estilo barroco e ao rococó (Figura 27).

Figura 26: Detalhes presentes em catacumba carmelita



Fonte: da autora, 2022

Figura 27: Detalhe onde é possível ler “Jazigo Perpetuo”



Fonte: da autora, 2022

O símbolo mais utilizado em cemitérios cristãos é a cruz latina, presente em abundância nos túmulos carmelitas. Em variados formatos, materiais e técnicas, a cruz latina representa um dos princípios do cristianismo, a ideia da morte e da ressurreição, simboliza também o sacrifício e o sofrimento que Cristo passou ao ser crucificado.

A cruz latina simboliza a paixão de Cristo. Conforme a tradição, representa o local em que Cristo foi crucificado e é o símbolo da sorte e da esperança. Muito usada em todos os tipos de túmulos, e atributo de inúmeros santos como Santa Helena, Santa Úrsula, São Jorge, São João Batista. (BORGES, 2017, p. 414).

Entre os túmulos que apresentam a cruz em sua ornamentação, se encontra o Jazigo Perpétuo da Família de Manuel Teixeira da Costa, conhecido como Barão de Camargos, que foi Senador do Império Brasileiro (Figura 28). Este túmulo é um exemplo de como haviam pessoas e famílias influentes entre os carmelitas. O Jazigo é ornamentado com a cruz latina esculpida em pedra branca, no qual é possível observar a representação de uma coroa de flores, símbolo que na arte funerária pode representar a saudade e a salvação, no geral, é recorrente ver a representação de flores em cemitérios, que possuem no geral um sentido sagrado (ARAÚJO, 2008).

Figura 28: Túmulo ornamentado com cruz e coroa de flores



Fonte: da autora, 2022

Ainda neste espaço cemiterial murado, destaca-se uma sepultura que chama a atenção devido a sua monumentalidade e pela riqueza em detalhes que possui, esculpidos em mármore branco (Figura 29). Trata-se de um túmulo vertical, que aparenta ser um dos mais antigos do cemitério, já que a última pessoa ali sepultada veio a óbito no final do século XIX, no ano de 1898. Não é possível identificar quem são as pessoas ali sepultadas, já que não é indicado o nome e sobrenome, somente as iniciais. Porém, pela beleza em detalhes do túmulo, é possível que se trate de pessoas abastadas e/ou que foram influentes em seu tempo. O túmulo é ornamentado com diversos símbolos, na porção superior, encontra-se uma cruz, e nas duas extremidades superiores, a representação de flores de acanto estilizadas, símbolo ligado à imortalidade, podendo significar que as provações foram vencidas (RODRIGUES, 2020). Logo abaixo, no entorno das iniciais da família é possível ver três flores, símbolos recorrentes na arte tumular, as flores são ligadas ao sagrado, e são símbolos frequentes na representação do luto (Figura 30).

Na porção inferior, encontra-se a representação de duas tochas invertidas, cruzadas e em chamas, amarradas por um laço (Figura 31). O símbolo é utilizado na arte funerária para representar o fim da vida terrena, que o fogo da vida foi extinto, mas que a alma segue viva na eternidade (RODRIGUES, 2020). Abaixo é possível observar rocalhas, elemento ornamental que remete a uma concha estilizada, muito utilizado no estilo Rococó.

Figura 29: Túmulo que apresenta diferentes simbologias cemiteriais



Fonte: da autora, 2022

Figuras 30 e 31: Detalhes do túmulo que apresenta diferentes simbologias cemiteriais



Fonte: da autora, 2022

O túmulo de maior estatura presente no espaço é feito em mármore (Figura 32), aparentemente do início do século XX, já que as duas pessoas ali sepultadas morreram na primeira década do século. O túmulo é encimado com a imagem de um anjo com as mãos postas em oração (Figura 33). O anjo é um símbolo frequente na arte tumular, é uma alegoria cristã que representa a promessa da vida eterna, já que os anjos são considerados mensageiros entre os reinos do céu e da terra (CARVALHO, 2008). Anjos passaram a ser retratados nos finais do século IV, na arte paleocristã, eram representados como adolescentes ou homens adultos, porém a partir do renascimento, surgiu o anjo representado como criança rechonchuda, podendo ser alado ou não, denominado de putto, ou no plural putti, essas representações foram muito presentes na arte barroca. (TEIXEIRA, 1985 *apud* MENDES, 2007, p. 247).

Figuras 32 e 33: Túmulo ornamentado com anjo e detalhe da escultura



Fonte: da autora, 2022

Outra tipologia de inumação presente no espaço são os ossários, espaços destinados a receber os restos mortais dos falecidos quando eles já foram reduzidos a ossos e pó. É o caso do “jazigo perpétuo dos Terceiros Carmelitas da Venerável Ordem Terceira de N. S. do Carmo de Ouro Preto”, espaço destinado aos restos

mortais dos Irmãos Carmelitas (Figura 34). Trata-se de um túmulo branco feito em mármore com uma imagem de Nossa Senhora do Carmo no topo. A santa possui uma coroa em sua cabeça, já que é considerada pelos cristãos como rainha do céu de da terra, em um dos braços carrega o menino Jesus, e com a outra mão, segura um escapulário, um dos símbolos ligados a iconografia da santa. Em volta da escultura, encontram-se pequenos vasos de planta decorando a lápide (Figura 35).

Figuras 34: Jazigo perpétuo dos Terceiros Carmelitas da Venerável Ordem Terceira de N. S. do Carmo de Ouro Preto



Fonte: da autora, 2022

Figuras 35: Detalhes do jazigo perpétuo dos Terceiros Carmelitas



Fonte: da autora, 2022

A grande maioria dos ossários presentes no espaço são simples, sem ornamentação, possuindo apenas dados das pessoas ali sepultadas. Alguns possuem algumas características que os diferenciam dos demais, como o jazigo perpétuo da família do Capitão José Caravelli, encimado por uma cruz latina (Figura 36).

Figuras 36: Jazigo ossário encimado por cruz latina



Fonte: da autora, 2022

Existem três ossários no espaço cujo formato remete a urnas funerárias estilizadas (Figuras 37 e 38), por mais que as urnas originalmente fossem utilizadas para o depósito das cinzas dos mortos cremados, este símbolo em contexto cristão está ligado à ideia de que o corpo humano se reduz a pó após a morte, e é um símbolo ligado a imortalidade (RODRIGUES, 2020).

Figuras 37 e 38: Ossários que remetem a urnas estilizadas



Fonte: da autora, 2022

O espaço conta ainda com alguns sepultamentos realizados no solo, dois deles possuem acabamento em pedra decorada, contendo a indicação de quem ali foi inumado. (Figuras 39 e 40). Um deles possui uma cruz trilobada, que representa a trindade cristã, Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo. O outro possui em sua ornamentação uma cruz latina com uma guirlanda, que simboliza o merecimento e é um símbolo muito utilizado na arte funerária para representar a vitória sobre a morte, e a homenagem ao falecido (RODRIGUES, 2020).

Figuras 39 e 40: Sepultamentos realizados no solo



Fonte: da autora, 2022

3.3 Espaço cemiterial ladeado por grades de ferro

A Igreja do Carmo de Ouro Preto se difere das demais irmandades da cidade por possuir dois espaços cemiteriais, além do espaço ladeado por muros (descrito no tópico anterior), a Igreja possui ainda, outro espaço cemiterial, rodeado por grades de ferro, no qual a entrada se dá através de um pequeno portão (Figura 41). Diferente do outro espaço, neste só é possível encontrar uma tipologia de sepultamentos, os túmulos verticais, sendo perceptível a influência neoclássica. É neste local que ficam localizados os jazigos ossários pertencentes às famílias carmelitas. Não foi possível encontrar informações acerca de quando o espaço foi construído, porém no local, é possível encontrar diversos túmulos do início do século XX.

Figura 41: Portão do espaço cemiterial ladeado por grades



Fonte: da autora, 2022

Antes de adentrar no espaço cemiterial, em ambos os lados do portão, em cima de colunas, é possível encontrar dois vasos (Figura 42). O vaso vazio pode representar o corpo separado da alma (BORGES, 2002), é uma simbologia recorrente em cemitérios. É possível que esses vasos tenham tido uso no passado, para o depósito de flores, a fim de decorar o local e prestar homenagem aos mortos.

Figura 42: Detalhe do vaso vazio que ornamenta a entrada do espaço



Fonte: da autora, 2022

Ao adentrar o espaço, é possível encontrar diversos túmulos ornamentados com a cruz latina, sendo a grande maioria, representações simples da simbologia (Figura 43). Como mencionado anteriormente, a representação da cruz latina está ligada a um dos princípios do cristianismo, a ideia da morte e a esperança na ressurreição, remete também ao sacrifício e sofrimento de Cristo.

Figura 43: Túmulos ornamentados com a cruz latina



Fonte: da autora, 2022

No espaço, alguns dos túmulos são ornamentados com a imagem de Jesus Cristo crucificado, simbologia recorrente em cemitérios cristãos (Figuras 44 e 45). A

respeito da representação da cruz latina e de Cristo crucificado, Borges e Carneiro dizem:

Por muito tempo evitou-se utilizar o simbolismo da cruz devido à associação desta ao sofrimento de Jesus Cristo (...) Uma mudança de perspectiva ocorreria no século V, após o Concílio de Calcedônia, no qual foi estabelecido o dogma da Encarnação, através do qual se explicava como Cristo mantinha sua natureza celestial, ao mesmo tempo assumindo um corpo físico. A consideração do concílio abria margem para representações artísticas menos categóricas e/ou simbólicas e mais narrativas / biográficas, as quais remetiam mais diretamente à humanidade de Jesus Cristo. Com isso, surgiriam as primeiras imagens crísticas submetidas ao suplício da cruz. (2017 p. 157).

Figuras 44 e 45: Alguns dos túmulos que apresentam a imagem de Cristo crucificado



Fonte: da autora, 2022

Um dos túmulos que são ornamentados com a imagem do Cristo crucificado (Figura 46) possui também outro elemento, três cabeças de anjos barrocos, com cabelos encaracolados e asas no entorno (Figura 47), como mencionado anteriormente, os anjinhos barrocos são motivos decorativos muito presentes na arte barroca e na ornamentação das Igrejas de Ouro Preto. Porém, não é possível saber se o elemento decorativo foi feito para o túmulo em questão, por não estar fixado, e somente encostado na base da coluna onde no alto se encontra o Cristo crucificado.

Figura 46: Túmulo que apresenta a imagem de Cristo crucificado



Fonte: da autora, 2022

Figura 47: Detalhe das cabeças de anjos barrocos



Fonte: da autora, 2022

Um dos túmulos encontrados no espaço, é decorado com uma cruz coberta por rosas vermelhas (Figuras 48 e 49), sendo o único entre os túmulos carmelitas a apresentar o tom vermelho em sua decoração. As flores no geral, são ligadas a ideia do luto e da saudade, mas as rosas em específico, quando utilizadas na ornamentação de cemitérios, podem trazer significados ligados a Maria, e quando

são representadas vermelhas, podem fazer alusão ao sangue de Cristo, sendo associadas ao renascimento (DALMAZ, 2008).

Figura 48: Túmulo ornamentado com cruz latina decorada com rosas



Fonte: da autora, 2022

Figura 49: Detalhes da cruz latina decorada com rosas vermelhas



Fonte: da autora, 2022

Um dos túmulos encontrados no espaço apresenta o formato de urna (Figura 50), como mencionado anteriormente, a urna é um símbolo ligado à ideia de imortalidade e a ideia de que todos somos feitos do pó e que retornaremos ao pó. O túmulo tem uma base em formato retangular, onde no topo, fica a urna, realizada em mármore, que é encimada com um formato arredondado (Figuras 51 e 52), possível alusão a semente de papoula, símbolo utilizado em cemitérios para remeter ao descanso da alma, e ao sono eterno. Na base da urna, é possível observar volutas que terminam como folhas de acanto, um elemento ornamental muito utilizado na decoração de templos católicos, que pode ter ligação com a pureza e também significar que as provações foram vencidas (RODRIGUES, 2014).

Figura 50: Túmulo em formato de urna



Fonte: da autora, 2022

Figuras 51 e 52: Detalhes do túmulo em formato de urna



Fonte: da autora, 2022

O espaço possui um túmulo que é decorado com uma imagem da Virgem Maria (Figura 53), a escultura possui um véu cobrindo os cabelos que vai até a altura dos pés, onde é possível observar que está utilizando uma espécie de túnica. Apresenta o olhar voltado para cima, como quem observa o céu, com fisionomia serena, às mãos se encontram postas em oração, na altura do colo.

Figura 53: Túmulo encimado com imagem da Virgem Maria



Fonte: da autora, 2022

O túmulo que mais chama a atenção aos olhos dos visitantes é o que possui maior monumentalidade (Figura 54), pertencente a uma importante família para a cidade de Ouro Preto. Uma das pessoas que ali se encontra sepultada, foi prior, ou seja, responsável pela mesa administrativa da ordem Terceira do Carmo, na primeira década do século XX, além de um influente comerciante, tendo sido um dos diretores da antiga fábrica de tecidos da cidade. Atualmente, no município existe uma avenida e uma estação ferroviária que levam seu nome.

Figura 54: Túmulo decorado com estátuas em mármore



Fonte: da autora, 2022

O túmulo possui na porção superior dois retratos em preto e branco, que ficam dentro de molduras circulares (Figura 55). Trata-se de pessoas que ali se encontram sepultadas, sendo o único túmulo de ambos os espaços cemiteriais do Carmo de Ouro Preto que possui esse atributo. Borges nomeia retratos encontrados em cemitérios como retratos memoriais:

As culturas latinas americanas têm o costume de manter os mortos vivos no pensamento familiar, e o uso habitual do retrato memorial é uma das

maneiras de preservá-los na memória. Temos então um sentido de permanência da nossa identidade cultural. Desta forma, contribuímos para que não se perca a nossa própria história, o nosso conhecimento e as nossas raízes. (BORGES, 2012, p. 10).

Figura 55: Retratos memoriais que decoram o túmulo



Fonte: da autora, 2022

Um dos motivos para o túmulo destoar dos demais, é por possuir uma grande estátua branca, aparentemente esculpida em mármore (Figura 56). Trata-se da representação de uma figura feminina de pé, com os olhos voltados para o céu, e cabelos enfeitados por flores nas laterais. A imagem veste uma espécie de túnica, no qual o panejamento remete a um tecido esvoaçante que chega até a altura dos pés, que se encontram descalços (Figura 57), no entorno é possível observar elementos fitomórficos. Uma de suas mãos se encontra repousando sobre o peito, segurando uma espécie de guirlanda de flores que vai até a outra mão (Figura 58), as guirlandas simbolizam “o triunfo da vida sobre a morte, são associados com frequência à nobreza, à beleza e à precocidade” (AHLERT, 2017 p. 05). Como mencionado anteriormente, flores de diferentes espécies podem ter significados particulares, mas no geral, são utilizadas para simbolizar o luto e a saudade. Devido a fisionomia triste da figura e ao fato de ela estar segurando uma guirlanda de flores, é possível que ela seja uma alegoria ao sentimento do luto e da tristeza, da família que fica enlutada ao ver o ente querido partir.

Figura 56: Estátua alegórica realizada em mármore



Fonte: da autora, 2022

Figuras 57 e 58: Detalhes da alegoria feminina



Fonte: da autora, 2022

À frente da alegoria feminina, se encontra uma representação de Pietá (Figura 59), esculpida em mármore branco. “O tema da pietá, um dos mais repetidos da arte cristã, foi particularmente difundido a partir da Pietá Vaticana, do escultor renascentista Michelangelo” (BORGES; CARNEIRO, 2017, p. 157). Borges descreve a iconografia da santa retratada por Michelangelo como:

Uma mulher sentada com a cabeça inerte pendente para a direita; os braços estão igualmente estendidos para baixo apoiando no colo o corpo estendido de um homem morto. Trata-se de da Virgem Maria - Mãe de Cristo, que numa tristeza deplorável, segura em seus braços o seu filho morto - Jesus Filho de Deus. (1997, p. 20).

A imagem em questão só difere da descrição de Borges por um detalhe: Maria não é representada com os dois braços estendidos para baixo, mas somente com um, o outro se encontra com a mão posta, com a palma voltada para cima. A representação de Pietá é frequente em cemitérios, e está associada à dor que uma mãe sente ao perder um filho. Na base da escultura, é possível observar um símbolo que remete a uma coroa de espinhos (Figura 60), fazendo alusão ao sofrimento de Cristo, que utilizou uma coroa de espinhos em sua cabeça no momento de sua crucificação. O túmulo possui ainda um espaço para o depósito de flores, atualmente, enfeitado com flores de plástico coloridas em tons de rosa e branco.

Figura 59: Pietá esculpida em mármore



Fonte: da autora, 2022

Figuras 60 e 61: Detalhes da imagem de Pietá



Fonte: da autora, 2022

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos elementos artísticos presentes nos espaços cemiteriais da Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto permite um maior entendimento acerca da relação dos fiéis carmelitas com a morte, os ritos fúnebres e o cemitério em si. Os espaços se mostram, enquanto *documento-monumento*, registros da história coletiva dos irmãos carmelitas, tanto das gerações passadas, responsáveis pela construção do cemitério, como as gerações atuais, que seguem utilizando do espaço para sepultar os mortos.

Os espaços se encaixam dentro do conceito de lugar de memória, já que para além de registros socioculturais da sociedade que os criou, são locais onde a memória coletiva é guardada, a partir da necessidade dos carmelitas de materializar e registrar a memória dos mortos a partir da monumentalidade dos túmulos. É a demonstração da vontade dos carmelitas de não esquecer dos que já partiram. Devido a isto, os espaços se mostraram passíveis de musealização, por serem locais onde é possível observar a relação da sociedade com o patrimônio acontecer, onde a memória dos carmelitas se mantém viva e passível de mudanças, através da relação entre os indivíduos e o espaço.

O cemitério possui grande valor artístico devido a suntuosidade de seus túmulos enfeitados com diferentes simbologias funerárias, que foram analisadas utilizando o método Panofsky. Através da pesquisa iconográfica e iconológica foi possível observar em diversos túmulos, a intenção dos carmelitas de inserir símbolos e alegorias para representar sentimentos e ideias, demonstrando que o poder aquisitivo dos membros da Ordem Terceira do Carmo era demonstrado mesmo no momento da morte, como um meio de eternizar a presença e a memória do falecido. A arte tumular é um elemento utilizado para reafirmar classes sociais, os túmulos de maior suntuosidade presentes no cemitério do Carmo, são no geral, pertencentes às famílias mais abastadas de seu tempo.

Com a realização do presente trabalho, pretendeu-se contribuir com o campo de estudos relacionados à análise da arte tumular, seus significados sociais e a aproximação com a museologia. Principalmente no contexto da cidade de Ouro Preto, onde existem diversas discussões e trabalhos no âmbito da patrimonialização

e musealização dos elementos históricos, cujo os cemitérios devem ser incluídos, de forma que o cemitério da Igreja de Nossa Senhora do Carmo seja reconhecido enquanto local de registros socioculturais, história, identidade, memória e cultura. É um espaço de grande importância para a memória carmelita, e com esta pesquisa, espera-se incentivar novas possibilidades para o espaço, como o uso do local para lazer, visitação no âmbito cultural, pesquisas e gerar conhecimento.

Com os resultados obtidos neste trabalho, pretende-se que todas essas possibilidades possam ser cogitadas, não só para o cemitério do Carmo, como para todos os cemitérios da cidade de Ouro Preto, que possuem grande valor histórico e cultural para a sociedade ouropretana e mineira. Cemitérios devem ser inseridos em roteiros de visitação, já que são locais repletos de manifestações artístico-culturais presentes nos túmulos e simbologias, além de serem um registro das técnicas tumulares, e principalmente da memória daqueles que já se foram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHLERT, Jacqueline. Cultura material funerária: as alegorias do Cemitério Vera Cruz (Passo Fundo/RS). **Seminário Internacional de Cultura Material e Arqueologia**, Passo Fundo, v. 1, p. 1-16, 2017. Disponível em: <https://www.upf.br/_uploads/Conteudo/ppgh/anais-seminario-internacional/2017/ahlert.pdf>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. Cemitério e cidade: imagens e representações da morte. In: **IV Encontro Nacional De Estudos Da Imagem/ I Encontro Internacional De Estudos Em Imagem: Anais**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013. p. 1975-1995. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Marcelina%20das%20Gracas%20de%20Almeida.pdf>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

_____. **Morte, Cultura, Memória: Múltiplas Interseções**. Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte. 2007. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. 404 p. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/VGRO-7BYFBK>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

BARBOZA, V. M. . **Sociedade dos vivos X sociedade dos mortos: a visão da morte na sociedade erechinense**. PERSPECTIVA, Erechim. v. 37, n. 140, p. 125-137, 2013. Disponível em: <https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_379.pdf>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

BORGES, Maria Elizia. **A estatuária funerária no Brasil: representação iconográfica da morte burguesa**. São Luís. *VII Abanne: G't Antropologia da Emoção*, Edições do GREM, 8, 2004. Disponível em: <<https://www.artefunerariabrasil.com.br/livros-e-artigos/>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

_____. A fotografia em túmulos brasileiros: ornamento e memória. Grupos de Estudos Arte e Fotografia. **Boletim 4 – CAP/ECA/USP**. 2012. ISSN – 1981-1349.

Disponível em: <<https://www.artefunerariabrasil.com.br/livros-e-artigos/>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

_____. **Arte Funerária: apropriação de Pietá pelos marmoristas e escultores contemporâneos.** *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, v. XXIII, n.2, p.15-28, 1997. Disponível em: <<https://www.artefunerariabrasil.com.br/livros-e-artigos/>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

_____. Arte Funerária no Brasil: contribuições para a historiografia da arte brasileira. In: **XXII Colóquio Brasileiro de História da Arte, 2003, Rio Grande do Sul: Anais**. Rio Grande do Sul: PUCRS. 2002. Disponível em: <<https://www.artefunerariabrasil.com.br/livros-e-artigos/>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

_____. **Arte funerária no Brasil: uma pesquisa peculiar no campo das artes visuais.** Locus – Revista de História- UFJF. Edição Atual, edição 37/2014. Disponível em: <<https://www.artefunerariabrasil.com.br/livros-e-artigos/>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

_____. CARNEIRO, Maristela. A estatuária funerária no Brasil: um olhar indagador sobre as imagens de Jesus Cristo nos cemitérios brasileiros. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 09, n. 27, p. 151-170, 2017. Disponível em: <<https://www.artefunerariabrasil.com.br/livros-e-artigos/>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

_____. **Imagens da Morte: monumentos funerários e análise dos historiadores da arte.** XXVI Simpósio Nacional de História, ANPUH. São Paulo: USP, 2011. Disponível em: <<https://www.artefunerariabrasil.com.br/livros-e-artigos/>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

_____. O cemitério como museu a céu aberto. **VII Congresso Internacional Imagens da morte: tempos e espaços da morte na sociedade.** São Paulo, 2016. recurso digital. Disponível em: <<https://www.artefunerariabrasil.com.br/livros-e-artigos/>>. Acesso em: 12 de junho de 2022>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

BRAVO, Milra Nascimento. A morte hierarquizada: os espaços dos mortos no Rio de Janeiro Colonial (1720-1808). **Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro**, n. 8, p. 307-329, 2014.

BRUSADIN, Lia Sipaúba Proença; QUITES, Regina. A Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto (MG): aspectos históricos, artísticos, iconográficos e devocionais das esculturas da Paixão de Cristo. São Paulo: **Unesp**, v. 12, n. 2, p.177-207. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/489>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. O Mecenato dos Leigos: Cultura Artística e religiosa. **Arte Sacra no Brasil Colonial**. História e Arte. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2011, p. 95-111. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/Confrarias%20e%20Ordens%20Terceiras-texto%20Adalgisa.pdf>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. Uma análise da alegoria e sua aparição na arte funerária. In: 17º Encontro Nacional da ANPAP: Anais, v. 1. p. 411-422, 2008. Disponível em: <<http://anpap.org.br/anais/2008/artigos/039.pdf>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

CURY, Marília Xavier. Museologia, novas tendências. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lúcia de N. M. (orgs.). Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas. Rio de Janeiro: MAST, p. 25-41, 2009. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/956/1/mast_colloquia_11.pdf>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus Significados na Arte Funerária Cristã do Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry R. (org.) **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCS, 2008, p. 97-112.

DE ARAÚJO, Thiago Nicolau. Hermenêutica e Cemitérios: um olhar sobre o cemitério da Santa Casa em Porto Alegre. **Ciencias Sociales y Religión**, v. 16, n. 20, p. 82-95, 2014. Disponível em:

<<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/csr/article/view/12703>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

DEBRET, Jean Baptiste. **1768 - 1848 Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. Tradução e notas de Sérgio Milliet/ Apresentação de Lygia da Fonseca F. da Cunha. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, Coleção Reconquista do Brasil. 2ª Série; vol. 239,240 e 241, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1996, 538 p.

LIMA FILHO, André Luis Freire. Ordens religiosas e representação política no Brasil: a presença de Frei Antônio Arrábida (1822-1831). In: **XXX Simpósio Nacional De História: Anais eletrônicos**. Recife, 2019, p. 1-15. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/5996>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

MENDES, Cibele de Mattos. **Práticas e Representações Artísticas nos Cemitérios do Convento de São Francisco e Venerável Ordem Terceira do Carmo-Salvador (1850-1920)**. Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/9817>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

NEVES, Maria Agripina; COTTA, Augusta de Castro. **Do Monte Carmelo a Vila Rica: Aspectos Históricos da Ordem Terceira e da Igreja do Carmo de Ouro Preto**. Ouro Preto: Edição do Autor, 2011.

NOGUEIRA, Renata de Souza. **Quando um cemitério é patrimônio cultural**. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2003-), Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/12386/Dissertação RENATA NOGUEIRA 2013.pdf?sequence=1](http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/12386/Dissertação%20RENATA%20NOGUEIRA%202013.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. **Revista Projeto História**. São Paulo: Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP, v. 10, 1993, pp. 07-28. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. Tradução de Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PMOP (Prefeitura Municipal De Ouro Preto). Inventário de Proteção do Acervo Cultural: Igreja de Nossa Senhora do Carmo. **Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio**, Ouro Preto, 2012.

REZENDE, Leandro Gonçalves de. **O Monte Carmelo nas montanhas de Minas: arte, iconografia e devoção nas Ordens Terceiras do Carmo de Minas Gerais (séculos XVIII e XIX)**. Dissertação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFMG, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <http://historia.fafich.ufmg.br/diss_defesas_detalhes.php?aluno=459>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

RODRIGUES, Paula Andréa Caluff . **Dois faces da morte: corpo e alma do Cemitério Soledade**. 1. ed. Curitiba: APPRIS Editora, v. 1, 2020, 281 p.

ROSA, Mariana Antão de Carvalho. (2021). “Os mortos contam segredos”: os cemitérios enquanto documentos/monumentos para o estudo histórico. **Escrita Da História**, 7(13), p. 77-104, 2021. Disponível em: <<https://www.escritadahistoria.com/index.php/reh/article/view/216>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

SALLES, Fritz Teixeira de. **Associações religiosas no ciclo do ouro**. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1963.

SILVA, Maria Regina Guimarães. A História da Fundação da Irmandade de Misericórdia de Guaxupé-MG. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (ANPUH)**. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856711_26b3c111a_b04b737c39d5757b464c90d.pdf>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

SILVEIRA, Felipe Augusto de B.. Práticas Tradicionais de Sepultamento na cidade de Diamantina. **Revista Brasileira de História das Religiões (RBHR)**, v. 3 n. 7 (3),

2010. Disponível em:
<<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30330>>. Acesso
em: 12 de junho de 2022.

TAVARES, D. K.; RIBEIRO, D. L.; BRAHM, J. P. S.. **Cemitério & Museu:**
Aproximações Eletivas. 1. ed. Porto Alegre: Editora Fi, v. 1, 2019, 279 p. Disponível
em:<<https://www.editorafi.org/587museu>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.